

“Na minha época não tinha escapatória”: teleologias, temporalidades e heteronormatividade*

Carlos Eduardo Henning**

Resumo

Este artigo se volta a analisar alguns elementos recorrentes que se fizeram presentes nos relatos de campo ao longo de minha etnografia para o doutorado em Antropologia Social na Unicamp. Meus contatos de campo foram homens entre os 45 e os 70 anos de idade que mantinham práticas sexuais homoeróticas e/ou que se identificavam como homossexuais. Os relatos reincidentes enfocavam as lidas com pressões sociais em prol da realização de determinados marcos biográficos tidos como heterossexuais e convencionados como imprescindíveis para se alcançar a felicidade e a plenitude no íterim do curso da vida. Em um diálogo com uma vertente contemporânea dos *estudos queer* estadunidenses, a qual costuma ser chamada de *tempo queer* e *temporalidades queer*, – e ao mesmo tempo apresentando uma revisão desses debates – problematizo criticamente o modo como as transições entre os distintos períodos da vida são concebidas, em especial como são imaginadas e convencionadas. Por fim, a partir dessas análises de campo e diálogos teóricos, proponho a noção de *teleologias heteronormativas* de modo a desenvolver o debate acerca das bases prescritivas heterossexuais que tendem a fundamentar persuasivamente o modo como o curso da vida – em suas transições e em sua totalidade – é compreendido e negociado no contemporâneo.

Palavras-chave: Teleologias Heteronormativas, Teoria Queer, Temporalidades Reprodutivas, Homoerotismo Masculino, Curso da Vida.

* Recebido para publicação em 10 de setembro de 2015, aceito em 11 de dezembro de 2015.

** Professor de Antropologia da Universidade Federal de Goiás (UFG); pesquisador do Ser-Tão – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade, Goiânia, GO, Brasil. carloseduardohenning@gmail.com

“In My Time There Was no Way to Escape”: Teleologies, Temporalities
and Heteronormativity

Abstract

This article aims to examine some recurring elements that were present in the narratives that were collected throughout my ethnography. My research, in turn, focused on men between 45 and 70 years old who kept homoerotic sexual practices and / or who identified themselves as homosexuals. These narratives focused on social pressures towards the achievement of certain biographical milestones conceived as heterosexual and taken as essential to access happiness and fulfillment along the life course. In a dialogue with a contemporary branch of the north american queer studies which is often called “queer time” and “queer temporalities” – while also presenting a review of these debates – I try to critically discuss how the transitions between the different periods of life are conceived and imagined as well as how they have some normative bases. Finally, from these analysis and theoretical dialogues, I propose the notion of “*heteronormative teleologies*” in order to open the debate about the heterosexual prescriptive bases that tend to persuasively organize how the life course – in its transitions and in its entirety - is understood and negotiated in the contemporary.

Key Words: Heteronormative Teleologies, Queer Theory, Reproductive Temporalities, Male Homoeroticism, Life Course.

A vida que me ensinaram como uma vida normal
Tinha trabalho, dinheiro, família, filhos e tal
Era tudo tão perfeito se tudo fosse só isso
Mas isso é menos do que tudo,
É menos do que eu preciso...¹

Em minha etnografia para o doutorado (Henning, 2014), procurei analisar os modos como determinadas experiências de envelhecimento e sexualidade na meia idade e na velhice são narradas por homens que se utilizam de *sites* que propiciam interações homoeróticas pela internet.² Meus interlocutores, dessa forma, foram homens que mantêm práticas sexuais homoeróticas e/ou que se identificam como homossexuais.³ Em sua maioria, eles se afirmavam de classe média, brancos, com uma formação educacional relativamente alta, estavam entre os 45 e os 70 anos de idade e residiam na região metropolitana da cidade de São Paulo. Minha investigação, ademais, se baseou em metodologia

¹ Trecho da música “Educação Sentimental II”, cuja letra é do compositor Leoni. Essa música foi consagrada na voz de Paula Toller na banda Kid Abelha, constante no álbum “Educação Sentimental” lançado em 1985.

² O principal site na internet que meus interlocutores utilizavam era o Manhunt. Este site propicia interações sociais e é voltado, entre outras questões, a possibilidade de encontros erótico-sexuais entre homens tendo abrangência internacional. Consultar: <http://www.manhunt.net>.

³ Uma parte minoritária, embora marcadamente relevante, de meus interlocutores não se concebia em termos de identidades sexuais como “homossexual” e, portanto, desafiavam certos pressupostos de coerência entre práticas e identidades sexuais. Dessa maneira, em termos gerais, opto por trabalhar com a categoria *homoerotismo* (ao invés de homossexualidade ou da já extremamente criticada “homossexualismo”) embasado em Jurandir Freire Costa (1992), também por considerá-la uma categoria mais ampla para abarcar as múltiplas manifestações e facetas das relações e práticas eróticas, afetivas e sexuais entre pessoas concebidas como de mesmo sexo, sem correr tantos riscos de essencialismos. E nessa direção, utilizarei no decorrer do texto também da expressão “práticas sexuais homoeróticas”. Entretanto, especialmente no diálogo com diversos autores do campo, em vários momentos do texto utilizarei também “homossexualidade” quando estiver me referindo a questões de identidade homossexual entre meus interlocutores.

qualitativa, envolvendo entrevistas semiestruturadas, conversas informais *on line* e presenciais, assim como observação participante.⁴

Este artigo, desse modo, se volta a esmiuçar um elemento particular no escopo do debate sobre temporalidades, *sensibilidades geracionais* e relações intergeracionais. Direciono-me, portanto, a uma análise dos relatos de campo que enfocam as lidas pretéritas e contemporâneas com determinadas pressões sociais normativas providas, em especial, das famílias de origem de meus interlocutores. Tais pressões, segundo eles, se davam em prol da realização de certos marcos biográficos convencionados como “normais” e imprescindíveis para alcançar a felicidade e a plenitude no íterim do curso da vida. No contexto de uma Antropologia do Curso da Vida sensibilizada pelos estudos de gênero e sexualidade, assim como pelos estudos *queer*, me interessa neste trabalho problematizar determinados aspectos do modo como as transições entre os distintos períodos da vida são

⁴ Considerando o período total de campo, entre fevereiro de 2010 e junho de 2012, entrei em contato, na totalidade, com cerca de 180 homens. Desses contatos, conversei e adicionei no comunicador instantâneo 93 indivíduos. O *messenger* que eu utilizei de maneira mais corriqueira à época, e criado especificamente para a pesquisa, foi o *Microsoft Messenger*, embora posteriormente tenha usado mais outros *messengers*, como o *Gtalk* (Google) e o bate-papo do *Facebook*. Considerando esse montante de interlocutores, desenvolvi um contato relativamente constante através do site *Manhunt*, de comunicadores instantâneos na internet, e, em menor escala, aplicativos para conversas mediadas por vídeo, como o *Skype*, com cerca de 90 pessoas. Dentre esse total de contatos, mantive conversas frequentes mediadas pela internet, de semanal a quinzenalmente, com 40 indivíduos, e dentre eles, pude conhecer presencialmente 23. E embora tenha dialogado, em termos gerais, de maneira extensa e frutífera com todos, efetuei entrevistas semiestruturadas e presenciais com 15 deles. Entre os homens que vim a conhecer presencialmente, pude desenvolver com alguns deles distintos graus de convivência que extrapolaram os encontros para a entrevista em si, como frequentar a casa em algumas ocasiões, participar de atividades com a rede de amigos mais próxima, passear por ruas e parques da cidade, e até, por exemplo, assistir a filmes, peças de teatro ou *shows*, excepcionalmente. As conversas informais e entrevistas, assim, ocorreram tanto presencialmente quanto mediadas pela internet e cada contexto de interação etnográfica trouxe alguns desafios, bem como oportunidades singulares.

concebidas; em especial, como são imaginadas, convencionadas e normatizadas, assim como atentar às bases sociais que estipulam padrões, regras, pressupostos e expectativas sociais para cada um desses períodos.

Ao desenvolver uma análise do debate contemporâneo sobre as relações entre envelhecimento e sexualidade (tendo como base dialógica em particular o campo sexo-gerontológico atual), postulei haver uma tendência patente a apagar ou a subproblematizar as experiências de dissidência sexual e de gênero na velhice (Henning, 2014).⁵ Tal tendência, assim sendo, se consubstanciaria no que denomino em termos críticos como um *panorama heteronormativo sobre a velhice*. Neste artigo, portanto, e baseando-me na análise dos relatos de meus interlocutores, minha linha argumentativa avança e pontua que, se é possível conceber tal *panorama heteronormativo sobre a velhice*, é possível igualmente estender esse panorama, em termos gerais, às transições dentro do curso da vida visto como um todo.⁶ Em

⁵ Para uma revisão crítica e sistematizada sobre a questão, consultar Debert e Brigeiro (2012).

⁶ Heteronormatividade é um conceito frequentemente atribuído a um dos teóricos vistos como fundadores dos estudos *queer*, Michael Warner (1991). No entanto, suas raízes são, na verdade, bem mais profundas e longínquas, remetendo-se à proposta do sistema sexo/gênero de Gayle Rubin (2011), e à ideia de “heterossexualidade compulsória” debatida por Adrienne Rich (1980). Tal conceito tem sido intensamente usado nos estudos *queer* e nos estudos de gênero e sexualidade a partir dos anos 1990, nem sempre, porém, com seus sentidos bem circunscritos. Por conseguinte, por heteronormatividade, me apoio nas reflexões da teórica feminista estadunidense atrelada a estudos interseccionais Cathy Cohen (1997:440). A autora postula: “Por ‘heteronormatividade’ eu tomo tanto aquelas práticas localizadas quanto aquelas instituições centralizadas as quais legitimam e privilegiam a heterossexualidade e os relacionamentos heterossexuais como fundamentais e ‘naturais’ dentro da sociedade”. Cohen, na sequência, aponta para a importância de não priorizar apenas a sexualidade como quadro primário absoluto sob o qual construir a política: “Indubitavelmente, dentro de diferentes contextos várias características do nosso ser total – por exemplo, raça, gênero, classe, sexualidade – são postas em relevo e acionadas de maneira a dar sentido a uma situação particular” (Cohen, 1997:440).

outras palavras, de acordo com boa parte dos homens que integraram minha investigação, momentos do curso da vida como infância, adolescência, juventude, vida adulta, meia idade e velhice – conforme eles as teriam experimentado – estiveram sucessiva e fortemente atravessados pela expectativa do cumprimento de marcos biográficos vistos como heterossexuais.⁷

Do ponto de vista de meus interlocutores na meia idade e na velhice – ou “*maduros*” como preferiam se intitular –, eles teriam experimentado ao longo da vida uma forte pressão de cumprimento de certas convenções sociais sobre o que “deveria” ocorrer em cada um desses momentos assim como em seus pontos de transição. De acordo com eles, tais pressões teriam sido elementos que impactaram de modo não desprezível determinados rumos que suas vidas teriam tomado. Assim, baseada no exame desses recorrentes relatos, minha análise aponta que cada momento no percurso biográfico, assim como as suas transições, estão perpassados por influentes referenciais normativos heterossexuais. Esse conjunto de elementos, por sua vez, se consubstanciaria no que proponho denominar ao longo deste artigo como uma *teleologia heteronormativa*.

Uma das questões que apareceu frequentemente em campo foi o fato de que a maioria de meus interlocutores demarcava em nossos diálogos o que eles viam como uma grande “vantagem” experimentada pelas gerações mais jovens de pessoas que mantêm práticas sexuais homoeróticas e/ou se identificavam como homossexuais, quando comparada ao que haviam sido suas próprias experiências juvenis. Nesse caso, essa vantagem se daria em relação ao que apontavam como uma diminuição ou um relaxamento da pressão social que eles afirmavam ter sentido no passado. Pressões relativas a perseguir marcos biográficos no que concerne, por exemplo, a manter relacionamentos duradouros e eventualmente casamentos com pessoas do sexo oposto. Além

⁷ Para um excelente esmiuçamento do debate sobre envelhecimento, sexualidade e homossexualidade masculina no Brasil consultar as publicações de Julio Assis Simões (2011), pesquisador pioneiro na temática no país.

disso, ter filhos, prover a família e assistir ao crescimento da prole no restante da vida; pressões as quais parecem ter impactado profundamente as narrativas de quase todos os meus contatos, tanto dos *maduros* que se consideravam homossexuais quanto daqueles que interagem sexualmente com outros homens e não se concebiam enquanto tal.

De modo a desenvolver a análise, me volto a um diálogo com uma relevante vertente dos estudos *queer* produzida especialmente na última década nos Estados Unidos. Essa vertente, que tem se centrado nas ideias de *tempo queer* (*queer time*) e de *temporalidades queer* (*queer temporalities*), traz alguns elementos pertinentes e produtivos para refletir sobre as questões problematizadas neste artigo.⁸ Essa complexa e produtiva vertente,

⁸ De acordo com a antropóloga estadunidense Gayle Rubin (2011d), apesar de muitos acadêmicos considerarem que os trabalhos concernentes ao tema dos gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros e outras “minorias sexuais” (*sexual minorities*) se iniciaram nos anos 1990 juntamente aos estudos *queer*, tais trabalhos, na verdade, possuiriam raízes bem mais profundas e antigas. Trazendo à baila um conjunto amplo e antigo de pesquisas e teorias envolvendo sexualidade – que incluiria de Havelock Ellis à Escola de Chicago, entre muitos outros –, Rubin põe em relevo, por exemplo, investigações que se utilizaram de métodos etnográficos, como em Evelyn Hooker (1967 [1961]), Nancy Achilles (1998 [1967]), Mary McIntosh (1998 [1968]), Esther Newton (1972), Gagnon & Simon (1973), Kenneth Plummer (1975), entre outros(as). Essas pesquisas foram cruciais para constituir o campo do construcionismo social voltado à análise das sexualidades e, por extensão, também aos estudos mais recentes voltados à temática. Rubin, portanto, se volta a contestar uma visão equivocada e simplista de que os estudos *queer* teriam inaugurado (ou revolucionado) as investigações relativas à sexualidade marcando uma profunda e inequívoca quebra de paradigma relativo a pesquisas anteriores. Ela pondera, por exemplo, que existiram importantes estudos etnográficos voltados aos estudos de gays, lésbicas e outras “populações sexuais minoritárias” (*minority sexual populations*) que teriam precedido aos estudos *queer* em várias décadas – e inclusive a algumas das contribuições de Foucault (1977) no terreno da sexualidade. Segundo a autora, tais estudos fundacionais teriam chegado mesmo a adiantar (obviamente em seus próprios termos e singularidades) várias das inovações tidas como próprias, por exemplo, dos estudos *queer*. Rubin, assim, questiona o processo, por um lado de aparente “reinvenção da roda” que, por vezes, aos seus olhos parece se estabelecer, e por outro lado critica a borradora de relevantes estudos pretéritos, os quais teriam sido cruciais para os desenvolvimentos reflexivos

por sua vez, envolve um conjunto crescente de teóricas(os) com projetos analíticos díspares, heterogêneos e por vezes contraditórios, mas que em termos gerais visa problematizar as maneiras como determinadas concepções poderosas e socialmente espraiadas de temporalidade estão fundadas em pressupostos heteronormativos. Tais pressupostos, por sua vez, influenciariam de maneiras perniciosas as formas como as imagens disponíveis de futuridade ou de futuros viáveis são produzidas, disseminadas e sustentadas culturalmente. Entre as(os) pesquisadoras(es) desse campo, podem ser citadas(os): Lee Edelman (2004), Jack/Judith Halberstam (2004), Jasbin Puar (2005), Tom Boellstorff (2007), Dinshaw, Edelman, Ferguson *et al.* (2007), José Muñoz (2009), Elizabeth Freeman (2010), Sara Ahmed (2011), Tim Dean (2011), entre outros(as).

Para encetar o diálogo com o campo das “temporalidades *queer*”, remeto-me inicialmente a um dos livros mais influentes desse campo: “*In a Queer Time and Place: transgender bodies, subcultural lives*” de Jack/Judith Halberstam (2005:152-153), o/a qual afirma que nas culturas ocidentais a emergência do sujeito adulto provém de um período visto como perigoso e desregrado – a adolescência –, e tal processo de transição seria altamente desejado na lógica cultural da maturação. Essa lógica, por sua vez, fundaria uma narrativa convencional de vida e postularia que o fim da dependência infante/juvenil ocorreria sobretudo por meio do casamento heterossexual. Após isso, se esperaria que a entrada completa no mundo das responsabilidades adultas ocorresse finalmente com a reprodução, a criação dos filhos e o sustento da família, em uma sequencialidade irrevogável que ele/ela denomina como uma *temporalidade reprodutiva (reproductive temporality)*.

ulteriores sobre sexualidade e relações de gênero. Para maiores detalhes, sugiro a leitura do artigo de Rubin (2011d) “*Geologies of Queer Studies*”. Tendo em mente e estando informado por essas ponderações, acredito que elas não necessariamente invalidem o desenvolvimento de diálogos empáticos com estudiosos da teoria *queer*, o que se materializa, a meu ver de maneira frutífera, no decorrer deste artigo.

Combinada a essa narrativa normativa de desenvolvimento biográfico, a ideia de longevidade nas culturas ocidentais tenderia também, segundo ele/ela, a ser aplaudida como o futuro mais desejado e a procura por uma vida longa seria algo defendido sob quaisquer circunstâncias. Como contrapartida, modos de vida alternativos que divirjam dessas assertivas e demonstrem pouca ou nenhuma preocupação com a longevidade ou com a incorporação ao percurso biográfico de elementos de conjugalidade ou parentalidade em moldes heterossexuais tenderiam a ser censurados, desvalorizados ou mesmo, no extremo, patologizados.

Frente a isso, Halberstam (2005) desenvolve o projeto de teorizar o “tempo *queer*” a partir de um conjunto de críticas que perpassam a formação binária adulto/jovem, as noções culturalmente construídas de maturação/maturidade e a ênfase discursiva convencional na defesa de ideias de reprodução, longevidade e futuridade nas “culturas ocidentais”. O(a) autor(a), assim, propõe o “tempo *queer*” como um campo de alongamento subversivo das noções dominantes de adolescência, nesse caso, não mais como um mero “estágio”, mas sim como uma forma de compromisso ético ao longo da vida.

Halberstam, dessa maneira, explora e postula de forma crítica a ideia de “adolescências estendidas” (*stretched-out adolescences*), a qual apontaria para um rompimento com as formulações sequenciais e irreversíveis de juventude, vida adulta e maturidade, assim como com a expectativa de suas transições. Portanto, essa ideia, segundo a autora, desafiaria a formulação binária convencional de uma narrativa de vida dividida em uma clara descontinuidade entre a juventude e a vida adulta e as respectivas obrigações e expectativas contidas em cada momento, assim como nos momentos subsequentes.⁹

⁹ É interessante notar que a crítica à formação binária adulto/jovem, de Halberstam, secundariza ou mesmo apaga momentos mais tardios na vida, como a velhice. E a sua noção de “adolescência” defendida não mais como um mero “estágio”, mas como um compromisso ético para toda a vida, em certos aspectos, parece se basear, estar influenciada ou mesmo propagar de forma

Outro autor cujas reflexões se voltam ao debate crítico sobre concepções de temporalidade e futuridade em marcos heteronormativos é Lee Edelman. Em seu livro *No Future: queer theory and the death drive* (2004), esse autor postula de maneira controversa que o futuro foi sequestrado em nome da “Criança” (*the Child*), a qual é por ele postulada como uma fantasia discursiva insidiosa que molda a lógica na qual o campo político em si pode ser pensado e operado.

Nesse caso, toda proposição política seria feita em prol das possíveis benesses do futuro pensado *na e pela* “Criança”, o que produziria uma ordem inescapável e indiscutível no campo do debate político. Tal sequestro do futuro promoveria, assim, uma irresponsabilidade política compulsória relativa àqueles que trabalham com noções de futuridade que operam fora dos marcos da “Criança”. Portanto, de acordo com Edelman (2004:03):

Essa Criança permanece no perpétuo horizonte de cada política reconhecida, um beneficiário fantasmático de toda intervenção política. Mesmo os proponentes dos direitos de aborto, quando promovendo o direito das mulheres de controlar seus próprios corpos através da escolha reprodutiva, recorrentemente enquadram sua luta política, espelhando seus adversários anti-aborto, como uma “luta por nossas crianças – pelas nossas filhas e filhos e portanto, como uma luta pelo futuro.”¹⁰

Sendo assim, essa conformação do campo político seria consubstanciada, nos termos de Edelman (2004:02), no conceito

acrítica o fenômeno cunhado como “juventude-centrismo”, o qual foi apontado por inúmeros pesquisadores.

¹⁰ Tradução minha para: “*That Child remains the perpetual horizon of every acknowledged politics, the fantasmatic beneficiary of every political intervention. Even proponents of abortion rights, while promoting the freedom of women to control their own bodies through reproductive choice, recurrently frame their political struggle, mirroring their anti-abortion foes, as a ‘fight for our children – for our daughters and our sons’, and thus as a fight for the future*” (Edelman, 2004:03).

de “futurismo reprodutivo” (*reproductive futurism*), o qual imporá um limite ideológico ao discurso político como tal, enquanto preservará um processo de absoluto privilégio da heteronormatividade ao tornar impensável – colocando fora do domínio do político – a possibilidade de uma resistência *queer* (*queer resistance*) a esse princípio organizativo das relações político-sociais.

Edelman, por fim, defende então a radical postulação de que a “*queerness*” deveria nomear a perspectiva política daqueles que não lutam pela Criança, assim como deveria estar contrária ao problemático consenso de que toda política deva confirmar o valor absoluto do “futurismo reprodutivo”. Além disso, e aprofundando a crítica, ele propõe que, uma vez que o “futuro” é um campo político dominado pela Criança, este deveria ser abandonado como um horizonte da “*queerness*”. Portanto, ele defende um “não futuro” ou um “não ao futuro”, assim como uma posição desesperançosa (*hopeless*) no contexto da teoria *queer* concernente às reflexões sobre temporalidade e futuridade.

Esse controverso e provocativo livro produziu uma nova onda de reflexões, assim como uma divisão no campo teórico das *queer temporalities* entre uma vertente consubstanciada pelas posições do próprio Edelman – assim como de outros autores e intitulada como “negatividade *queer*” – e por outro lado, uma vertente composta por vários autores que se opuseram de distintas maneiras a tais postulações. Entre os autores que se diferenciaram dessas posições, está José Muñoz (2010:365), que endereça a polêmica do “não futuro” ao questionar e problematizar as bases raciais e de classe das reflexões de Edelman. Muñoz recusa-se tanto a ceder o futuro para a “futuridade reprodutiva normativa e branca” (“*hand over futurity to normative white reproductive futurity*”) quanto a abandonar a esperança e a utopia nas reflexões teóricas dos estudos *queer* sobre o futuro. Tal divisão entre vertentes permanece algo bastante vivaz e, em termos gerais, a tendência atual parece ser a procura por uma tentativa de evitar os extremos propositivos, ou seja, nem um olhar analítico que

prime por um “otimismo *queer naïf*”, nem uma negatividade *queer radical*.

Uma das teóricas que parece propor uma relativização desses extremos e que se volta ao debate sobre futuridade e “temporalidades *queer*” é Sara Ahmed (2011), autora que problematiza a ideia de felicidade concebida no futuro. Para ela, não é possível debater “futuros felizes” sem que se problematize do que se trata a ideia de felicidade. Na visão de Ahmed, a felicidade poderia ser tomada como uma espécie de orientação em direção a objetos, entes ou ideias com os quais entramos em contato, levando em consideração que classicamente a felicidade tem sido considerada um fim ao invés de um meio. Para ela, ao nos direcionarmos para esse ou aquele objeto estamos desejando algo diferente e uma felicidade que se presume que virá a seguir, no futuro. E a temporalidade desse “a seguir” seria para Ahmed de suma relevância, uma vez que nessa perspectiva, a felicidade estaria dirigida a determinados objetos ou entes que, quase sempre, não estariam no presente.

Ela então se utiliza do exemplo dos pais que, ao descobrir que o filho tem interesse ou se relaciona eroticamente com pessoas do mesmo sexo, afirmam: “Eu só quero que você seja feliz!” (“*I just want you to be happy*”), o que para a autora indicaria uma preocupação subjacente às possibilidades presumidas como reduzidas em relação a uma vida feliz ou bem-sucedida caso o(a) filho(a) se considere, dali por diante, homossexual. Ahmed, afirma que o “tornar-se *queer*” (*becoming queer*) é frequentemente narrado como uma desistência da felicidade, como um desvio dos seus principais marcos, considerando a felicidade como atribuída/direcionada a determinados objetos, entes ou realizações que circulam e são vistas como benesses sociais – o que significaria, em muitos casos, imaginar a futuridade em termos de alcançar e realizar determinados alvos ao longo do curso da vida.

Portanto, ela afirma que a “vida *queer*” (*the queer life*) foi historicamente construída e concebida como uma vida infeliz, sem as “coisas” que poderiam fazer alguém feliz, ou como uma vida

depressiva, pois não conta com elementos ou alvos tido como indispensáveis na vida, como um(a) namorado(a) do sexo oposto, um casamento, filhos e a constituição de uma família em moldes convencionais. Nessa perspectiva, segundo a autora, recusar-se a perseguir esses alvos no percurso biográfico foi um fator culturalmente associado à infelicidade – presente também, por exemplo, na imagem do “queer infeliz” (*unhappy queer*) independentemente de se sentir ou não essa infelicidade preconcebida – e demarcaria uma lógica promissória da felicidade e da realização pessoal, em bases profundamente heteronormativas.

A meu ver, entretanto, a presumida “infelicidade” por não alcançar esses alvos e marcos heteronormativos no decorrer da vida seria algo que atingiria também a indivíduos vistos como condizentes a determinadas convenções dominantes de gênero e sexualidade. Homens e mulheres que, por exemplo, se consideram heterossexuais e que permanecem solteiros, assim como aqueles que mantêm relacionamentos afetivos conquanto abdicuem do casamento, ou mesmo aqueles que se casam, porém jamais têm filhos. Tais pessoas, muitas vezes, acabam sendo maculadas por tais “ausências” e pelo consequente prognóstico da “incompletude” e da “infelicidade futura”.

Mesmo nesses casos, esses marcos ou alvos não completados, como referências fantasmáticas, tendem a ser acionados como fontes de interpelação, posto que sem a sua realização seria supostamente impossível alcançar uma vida tida como verdadeiramente plena, realizada e feliz. E um debate interessante que parece caminhar nessa direção crítica em relação a determinados marcos biográficos normativos é apresentado no livro de Elisabeth Badinter (2011), *O Conflito: a mulher e a mãe*. Nesse livro, Badinter endereça criticamente o que denomina uma “revolução silenciosa”, a qual diria respeito ao retorno da ideia de que a maternidade seria uma espécie de “destino inescapável” de

toda mulher, assim como um elemento essencial da feminilidade, sem o qual não se seria plenamente mulher.¹¹

Por sua vez, e mais próximo ao meu campo empírico, Dustin Goltz (2010:02), autor do livro *Queer Temporalities in Gay Male Representations: Tragedy, Normativity and Futurity*, segue essa vertente das *temporalidades queer* ao aliar o debate sobre configurações culturais heteronormativas juntamente à maneira como o envelhecimento e a velhice são representados e experimentados socialmente. Esse autor, assim, põe em relevo as fundações normativas heterossexuais que ditam a produção cultural do tempo, da idade, da sexualidade e do futuro, postulando a existência de uma circulação em diversos âmbitos da cultura popular de um conjunto de significados problemáticos relacionados ao envelhecimento e às concepções de futuro associadas aos homens gays, que teria sido influente e incidente nas últimas décadas.

Lançando mão de análises de domínios da indústria cultural estadunidense como a literatura, o cinema, programas de televisão e performances artísticas, Goltz (2010) procura problematizar as “mitologias” vinculadas ao corpo masculino envelhecido, as quais marcariam o homem gay mais velho como fadado a um futuro de tristeza, miséria, isolamento e decadência progressiva. Para o autor, a criação imagética de um homem gay mais velho marcado como miserável, amargo e um pervertido sexual em potencial auxiliariam, por contraste, a preservar a perfeição e a correção ilusórias dos modelos heterossexuais de relacionamentos românticos, procriação e de roteiros de futuro bem-sucedidos.

Dessa forma, tal processo de contraste moldaria, por sua vez, a imagética do “gay velho” como uma espécie de “conto preventivo” (*cautionary tale*) ou um elemento de “controle social” que as pessoas aprenderiam a ter como referência para que se distanciem caso queiram perseguir os eventos biográficos que

¹¹ Nesse momento, agradeço em especial à Mariana Marques Pulhez, pós-graduanda no PPGAS/Unicamp, cuja resenha, ainda impublicada, do referido livro me pôs em contato inicial com suas postulações.

levem, supostamente, aos futuros concebidos como viáveis, felizes, saudáveis e bem-sucedidos. Assim, em termos sintéticos, Goltz (2010) tem como objetivo interrogar e desconstruir a influência retórica das construções heteronormativas de tempo e de futuro na cultura popular contemporânea. Para tanto, ele explora e põe em relevo em seus trabalhos os modos como a sexualidade gay masculina é culturalmente posicionada, no Ocidente, dentro de um ciclo trágico e inescapável de envelhecimento, infelicidade, decadência e morte.

De acordo com esse autor, portanto, a construção discursiva do “envelhecimento gay masculino” seria moldada em relação trágica com as narrativas heteronormativas do desenvolvimento biográfico “correto” e “natural”. E esse processo promoveria, por sua vez, a contrapartida de uma construção discursiva de um “não-futuro” para homens gays que incorreria em implicações nefastas, como a transformação das narrativas de envelhecimento de homens homossexuais em um sítio de punição e de castigo por uma “vida desregrada”, “sem propósito” e dissidente da “normalidade heterossexual” no percurso biográfico.¹²

Considerando esses debates, os relatos dos interlocutores angariados em meu trabalho de campo trazem consigo alguns interessantes indícios das implicações, no âmbito do percurso biográfico, decorrentes de se alcançar a juventude, a vida adulta e a maturidade sentindo a pressão social por corresponder às expectativas de demonstrar interesse erótico por pessoas do sexo oposto. Esses indícios parecem também propícios para se refletir sobre as formas como o curso da vida é concebido, naturalizado e produzido em seus períodos e transições a partir de uma *matriz heterossexual* (Butler, 2003). Assim, nas narrativas angariadas em campo, surgiram experiências de interpelações reiteradas sobre esses indivíduos para que se adequassem às convenções de

¹² É de se supor que com a ampliação progressiva de modelos mais positivos de envelhecimento de homossexuais, como procurei abordar em outro momento (Henning, 2014), venham a ser questionadas, ao menos parcialmente, algumas dessas “construções heteronormativas” relativas ao envelhecimento, velhice e horizontes de futuro.

gênero e sexualidade, assim como a determinados alvos, elementos e transições esperados no decorrer do curso da vida. E levando em conta tais interpelações, alguns desses indivíduos procuraram se adequar a essas assertivas, enquanto outra parte procurou se desvincular, de distintas maneiras, dessas expectativas e constrangimentos sociais.

Em minha investigação, entre os homens que haviam sido ou ainda eram casados heterossexualmente, suas experiências – por mais que marcadas pelo ocultamento do interesse sexual por (e das práticas sexuais com) outros homens – não divergiram das linhas mestras de um desenvolvimento normativo esperado para o curso da vida. Ou seja, eles tiveram ao longo da vida relações erótico-afetivas com mulheres, casaram-se e tiveram filhos, em termos gerais, dentro de uma lógica temporal biográfica e convencional considerada, em termos gerais, como relativamente bem-sucedida. Entre esses casos está Ari, de 55 anos de idade, o qual se considera branco, morador da Zona Norte de São Paulo, bancário aposentado, de classe média baixa, que foi casado com uma mulher por cerca de 20 anos e teve três filhas.¹³ Seu relato é ilustrativo dessas pressões sociais relativas às expectativas de conformidade e adequação às convenções de gênero e sexualidade estabelecidas:

Eu não me rotulo, não gosto da sensação de hétero ou homo ou bi, apenas gosto e me apaixono por pessoas. Já fui casado com uma mulher por 18 anos e tenho três filhas. Depois namorei por mais um ano e sete meses com um homem, fora outros que só conheci, nada sério. Minha ex-mulher não sabe [das relações erótico-afetivas com homens], mas minhas filhas sim. E apenas alguns amigos [sabem], familiares, nenhum. Eu nunca fui de sair muito pra bares, danceterias, e sauna mesmo eu nunca fui. Hoje eu tenho um parceiro há quatro meses, mas gosto de sair

¹³ O nome de Ari assim como o de qualquer outra pessoa envolvida na pesquisa de campo, como um cuidado ético, foi alterado aleatoriamente de maneira a garantir o anonimato, resguardando as identidades e a segurança dos envolvidos.

para dançar, às vezes a gente vai. Ele [o parceiro] tem 35 anos, por enquanto está dando certo. (...) Eu só fui ter alguma coisa com homens depois de me separar. Me separei e então fui conhecer este outro lado. Sempre fui um exemplo de homem, marido e pai, nem imaginava que um dia iria ficar com um homem, apesar de me sentir atraído por eles, mas nunca me permiti. Não sei onde achei coragem, mas fui, pesquisei casas noturnas e comecei indo sozinho. Morrendo de medo, mas fui. Eu sempre tive muitos amigos, mas nenhum para confiar este segredo. Isso [de ter amigos confidentes] faz só uns oito anos talvez. (...) [A primeira vez numa “casa noturna gay”] Foi muito assustador, tinha muito medo de tudo e alguém me conhecer. Eu mesmo nunca assumindo, eu fui muito discriminado pela minha família. Quando me separei todos quiseram me condenar, tirar minha casa, minhas filhas, foi uma luta feia. Mas eu permaneci. Hoje moro com minhas filhas e divido a casa com a minha ex. Eu que banco a casa com todas as despesas, então ela [a ex-esposa] e todos os familiares dela têm que me engolir. Eu sempre dizia que não largava minhas filhas por nada, e aqui estou. Há dois anos informei minhas filhas [que estão por volta dos 20 anos de idade] sobre mim e elas aceitaram bem. É só o que me importa, elas. Mas na minha vida sempre sofri discriminações, as pessoas sempre perceberam que eu era diferente. Eu nunca nem tinha amizade com os moleques da minha idade, e sempre era eu que fazia de tudo em casa, limpeza, essas coisas, por isso era mal visto na família. Família de ignorantes dá nisso. Eu tenho sete irmãos, mas nem tenho mais contato com eles hoje em dia. Sempre fui discriminado por eles, ainda mais depois que me separei, eles sempre jogaram na minha cara por ser diferente deles. Eu sentia muita revolta, uma revolta muito grande do meu pai por mim, ele me odiava e eu não entendia o porquê. Mas com o tempo fui percebendo. (...) Ele morreu quando eu tinha 23 anos. A minha mãe, quando eu disse que iria casar, me disse: “pelo menos agora vão parar de falar pelas suas costas ». Mãe é mãe. Ela nunca tocou no assunto, eu nunca fui o mais querido, mas fui o que mais ficou com ela. [Ela] Morreu há uns dez anos, mas foi ela que me manteve

casado. Eu dizia a ela que queria me separar e ela sempre me aconselhava pra pensar nas crianças. Mas no fundo ela queria dizer: ‘Pensa que os outros vão voltar a falar de você!’. Ela e o meu pai faziam muita pressão quando eu era novo. Lembro que o meu pai me disse uma vez que eu podia fazer qualquer sem-vergonhice que fosse, desde que eu casasse e formasse família. Eu devia ter uns 20 [anos]. Era meio uma obrigação [casar], entende? Você não tinha muita alternativa. Eu só me divorciei mesmo depois que a minha mãe morreu. Um ano depois que ela morreu eu já tava divorciado”. [Conversa via Messenger, adaptada. Junho 2011].

Ari, assim como vários outros contatos de campo, pontuavam as recorrentes pressões familiares como um elemento preponderante nas tentativas de seguir os rumos convencionados dentro do que Halberstam (2005) denominou como uma “temporalidade reprodutiva” para o percurso biográfico. Segundo Ari, seus pais e os irmãos fizeram uma considerável pressão para que ele se relacionasse com pessoas do sexo oposto, mesmo “percebendo que [ele] era diferente”. Esse interlocutor chegou a comentar que seu pai intimamente conhecia o interesse erótico do filho por outros homens e chegou a lhe afirmar que essa “sem-vergonhice” até poderia ser tolerada, contanto que Ari se casasse e formasse uma família como um “homem sério”.

Depois que Ari se casou, meu interlocutor afirma que sua mãe, assim como outros familiares, constantemente o convenciam da importância de se manter casado indefinidamente, como uma forma, entre outras coisas, de evitar fofocas sobre sua sexualidade e de manter sua respeitabilidade social assim como a da família. Assim, à semelhança do que postula Ahmed (2011) sobre a vinculação estreita de um “futuro feliz” com a perseguição de determinados alvos ou marcos heteronormativos para o curso da vida, meu contato afirma que, em seu ponto de vista, na época em que era jovem, não haveria muitas alternativas a não ser almejar, perseguir e realizar esses marcos.

Recordo que em um determinado momento indaguei se Ari, caso pudesse mudar algo de seu passado, gostaria de ter tomado outras ações, como talvez não ter se casado ou não ter tido as filhas, ao que ele respondeu:

Se eu pudesse não teria casado, mas daí também não teria minhas filhas. Minhas filhas são minha felicidade hoje em dia. Se eu fosse homo desde aquela época, acho que eu estaria sozinho agora, e infeliz, isso se tivesse vivo ainda, porque muitos morreram de Aids quando eu tava casado. Então, acho que não mudaria não. É bom eu ter conhecido esse outro lado mais velho. Se você é homo desde novo, você parece que não tem muito norte, muita referência, não tem muito uma orientação pra vida. Fica muito perdido mesmo.

Em seu relato é possível perceber a associação entre o “não se casar” e o “não ter filhos” como uma questão central em sua concepção de não “ter um norte”, uma “referência”, “orientação” ou mesmo um “sentido” para a vida. Em última instância, ele parece interpretar tais ausências como uma impossibilidade factual de conceber um futuro viável e “feliz”, o que levaria mesmo, por fim, a um “não futuro”. Tais conotações parecem límpidas quando ele afirma que se ele “fosse homo” desde jovem, estaria hoje “sozinho” e “infeliz”, isso sem contar a possibilidade de já estar morto, pois, de acordo com Ari, “muitos morreram de Aids” enquanto ele permanecia casado com a esposa. Portanto, Ari, assim como outros contatos de campo, especialmente os das coortes mais velhas, tenderam a ser socializados em um contexto cultural em que elementos como o casamento heterossexual e a reprodução, à semelhança das noções de “temporalidade reprodutiva” (Halberstam, 2005) e de “futurismo reprodutivo” (Edelman, 2004), se mostravam elementos poderosamente incidentes na conformação de seus prospectos de futuro.¹⁴

¹⁴ Embora tais noções possam ser vistas como poderosamente incidentes na conformação de prospectos de futuros, assim como nas ações e práticas de

Não se trata, obviamente, de uma incidência totalizadora ou absolutamente inescapável, uma vez que muitos interlocutores, mesmo das coortes mais velhas, viveram suas vidas sem se guiar estritamente por esses referenciais. No entanto, mesmo entre aqueles que viveram desde jovens declarando-se abertamente homossexuais, foi comum ouvir relatos dessas pressões de conformidade a uma espécie de “temporalidade reprodutiva” como pré-condição para se alcançar a felicidade e futuros vistos como viáveis. Essas pressões, entretanto, pareciam progressivamente reduzidas em relação às coortes mais jovens, chegando ao contemporâneo em que, na visão de vários interlocutores, parece haver um maior relaxamento dessas assertivas, embora tais marcos ainda permaneçam como referências consideráveis de “boa futuridade”.

Considerando essas questões, em relatos de vários homens que compuseram minha investigação – particularmente para os das coortes mais velhas e os que eram ou haviam sido casados heterossexualmente – parecia haver uma cortina de fumaça sobre os futuros que se desviavam dos marcos heterossexuais conjugais e parentais. Divergir desses referenciais, para esses homens, indicava a ameaça da própria possibilidade de futuro, como transparece na fala de Ari. Portanto, nessa perspectiva, envelhecer sem perseguir marcos como o casamento e a reprodução em bases heterossexuais assemelha-se ao que Goltz (2010) denominou como um “conto preventivo” (*cautionary tale*), o qual indicaria e preveniria os indivíduos de um futuro pressuposto como melancólico, infeliz ou mesmo a um “não futuro” à frente.

inúmeros sujeitos, elas não poderiam ser vistas como elementos necessariamente inescapáveis, posto que muitos homens em minha investigação apresentam em seus relatos exemplos abundantes de dissonância desses referenciais. Essa questão foi explorada atentamente no último capítulo de minha tese (Henning, 2014), o qual analisou a relação desses homens com suas famílias de origem assim como com suas “famílias do coração”. E nesses relatos assomaram inúmeras histórias impressionantes das consequências punitivas para aqueles que ousavam desafiar ou não se guiar por tais noções e expectativas os quais levariam supostamente a um “futuro feliz”.

Assim, após o nascimento das filhas, com o casamento já desgastado e pendendo a um divórcio, Ari afirmou que se manteve casado em grande medida devido às pressões familiares, em particular de sua mãe que lhe rogava pensar na necessidade de criação das filhas ainda pequenas. Ele só viria a se divorciar após a morte da mãe, com as filhas já crescidas. Segundo ele, as pressões para ser um “bom pai”, um “pai de família exemplar” foram fatores influentes em sua postura de se manter abstermido de práticas sexuais homoeróticas até o fim de seu casamento de quase 20 anos. A morte da mãe indica simbolicamente a abertura que ele parecia necessitar para finalmente se divorciar e procurar por parceiros erótico-afetivos do mesmo sexo.

Como no caso de Ari, a pressão social, especialmente familiar, pela condução da vida de acordo com as expectativas determinadas para o percurso biográfico se mostrou particularmente forte nos relatos dos contatos que permaneciam casados heterossexualmente ou que já o haviam sido. Esse é também o caso de Lauro, 52 anos, branco, engenheiro, morador do bairro Vila Madalena, pai de um rapaz, e ainda casado:

[Na minha juventude] Era muito diferente de hoje em dia. Você via seus irmãos mais velhos namorando, noivando, casando. As mulheres deles engravidando e vai chegando a sua vez. Não tem escapatória. E daí quando você casa não tem como mudar mais. Vem filho, vem responsabilidade. Você encontra sempre uns jeitos pra dar umas escapadas, mas é isso. (...) Nunca imaginei abandonar minha mulher e meu filho por causa disso [da atração e das práticas sexuais com outros homens]. Eu sou responsável, não vou destruir a minha vida e da minha família por causa disso. (...) Mas pra vocês hoje em dia é diferente. Vocês podem coisas que na minha época não podia, não tinha escapatória. Se eu fosse da tua idade, hoje em dia (...) seria diferente. [Conversa via Messenger. Abril de 2011].

A interessante fala de Lauro dá a deixa para se refletir sobre a variação histórico-social na incidência dessas pressões de

adequação normativa no decorrer do percurso biográfico. Meu contato afirma que no passado e até os dias de hoje ele experimentou essas pressões sociais em muitos momentos, como ao ver os irmãos mais velhos se casando sequencialmente e percebendo que se aproximava também o seu momento previsto para namorar e contrair matrimônio em uma certa ordem etário-geracional no âmbito da família. Para Lauro, essa experiência lhe pareceu à época um processo implacável e inescapável, entretanto, ele também afirma perceber que no contemporâneo há uma nova configuração ao postular: “mas para vocês hoje em dia é diferente”. O que denota, em sua visão, ter havido uma relativa expansão do campo de possibilidades sociais para que sejam trilhados percursos biográficos dissonantes de um “futurismo reprodutivo”; ou seja, de uma certa lógica sequencial e aparentemente inescapável das convenções de gênero e sexualidade heterossexual no âmbito da imaginação cultural do curso da vida.

Diferentemente de Ari, entretanto, Lauro dá a entender que se fosse jovem nos tempos atuais ou se possuísse um campo de possibilidades sociais mais expandido quando jovem teria tomado outras direções que não o que lhe pareceu, à época, a inescapabilidade do casamento heterossexual e da reprodução: “Se eu fosse da tua idade, hoje em dia, a coisa seria diferente.” Mesmo entre meus contatos que se afirmavam homossexuais para boa parte de seus círculos sociais, a pressão social pela conformidade a uma “temporalidade reprodutiva” se mostrava presente em seus relatos. Esse é o caso de Matheus, 62 anos, decorador de interiores, branco, morador de Moema, que relembra e relata – à semelhança da fala de Ari – a relevância do falecimento dos pais para que ele finalmente pudesse viver sua vida da maneira que desejava:

Depois dos “50tinha” [dos cinquenta anos de idade] a família já está lá em cima [já falecidos]. Não temos mais que dar satisfação pra ninguém. A gente faz o que quer mesmo. Eu sou filho único, então a pressão era maior.

Fiquei noivo por oito anos, você acredita? Enrolando a coitada (...). Mas ela meio que sabia [dos interesses homoeróticos dele]. (...) Minha mãe já é falecida, meu pai também. Nos últimos dois anos da vida dela resgatamos nosso encontro na vida. Meu pai perseguia menos. Era uma relação velada, eles no fundo sabiam, mas até por uma questão de respeito... Venho de uma geração onde a palavra era ditadura, era ficar calado e respeitar. Não acredito em confrontos, da mesma forma que houve respeito deles para comigo, também tive com eles. Uma troca justa. Não acredito na conquista na base da porrada, você não chega a lugar nenhum. (...) Eu só fui me encontrar como homo na facul, onde tinha que esperar uns anos para ter vida própria. Eles [os pais] ficavam muito em cima. Isso de [ser] filho único era um lance muito pesado. Um inferno, né? (...) Daí [na faculdade] me joguei de cabeça. Você ainda tem seus pais vivos? [Ele me pergunta e eu respondo que tenho apenas minha mãe]. Entendo, então você ainda vive o seu inferno astral kkkkk [risos]. Mas olha, o dia em que sua mãe morrer você vai se sentir muito estranho. Uma mistura de perda e ganho... Horas você vê a perda... Horas você vai ver que ganhou a vida... Liberdade. É muito estranho isso. Você vai viver com ela ao seu lado e ao mesmo tempo agradecendo ela não ser imortal... kkkk. [risos]. Faz 14 anos que a minha mãe morreu, e meu pai 12 [anos]. Você vai levar pelo menos um ano para refazer você mesmo, até romper todos os seus conceitos. [Conversa via Messenger. Agosto de 2010].

Matheus afirma que a pressão de seus pais, especialmente por ser filho único (“Isso de filho único era um lance muito pesado. Um inferno, né?”), o levou a manter um noivado de oito anos com uma moça (“enrolando a coitada”), e que somente sentiu poder viver sua sexualidade com menores constrangimentos após a morte dos pais. Assim, as narrativas acerca das pressões em prol de uma conformidade às convenções heterossexuais que incidiam no percurso biográfico se multiplicaram tanto entre meus contatos que não se vinculavam a categorias identitárias

relacionadas às sexualidades tidas como “desviantes”, quanto entre aqueles que de distintas maneiras se associavam a tais categorias.

Muitas foram as falas acerca dessas pressões de conformação normativa providas não apenas do âmbito da família, mas também no ambiente de trabalho, nas redes de amigos, vizinhos e conhecidos. Alguns de meus contatos que nunca foram casados relataram, por exemplo, que no âmbito profissional chegaram a deixar de receber promoções por não serem casados e isso denotar uma espécie de falta de “seriedade” ou de “confiabilidade” no contexto profissional, posto que não possuíam uma família “para sustentar”. Isso, portanto, parecia fazer com que o próprio crescimento na carreira fosse dificultado quando da não conformidade a um percurso biográfico alinhado a uma “temporalidade reprodutiva”.

Algo interessante é que, no caso dos interlocutores que se consideravam homossexuais, a incidência de pressões de adequação a uma “temporalidade reprodutiva” se mostraram presentes também dentro de suas carreiras homoeróticas. Rinaldo, por exemplo, meu contato de 51 anos, professor universitário, relata as resistências por parte da mãe em aceitar suas práticas e afetos homoeróticos. Porém, uma vez que ela aceitou a “homossexualidade” do filho, ela começou então a exigir que ele mantenha um companheiro fixo, um “marido”, e que lhe proporcione netos:

Minha mãe ainda está viva. Meu pai já é falecido e tenho um padrasto. Eles sabem que sou gay. Lógico que o começo foi meio difícil... Mas com o tempo acabei sendo aceito por toda a família. Agora moro sozinho. Morar sozinho é uma delícia, mas até os 40 morava com minha mãe e meu padrasto. Os dois tem 73 anos, vivem juntos. Até essa época ela me enchia muito o saco. Não tinha jeito dela aceitar. Eu terminei um relacionamento e isso me impulsionou para sair da casa da minha família. Viver minha vida homossexual em sua plenitude. Foi importante esse término. Tive que achar forças para reagir. A

convivência com eles era bem tempestuosa. Conflitos fortes e discussões mais fortes ainda. Isso entre eu e minha mãe, meu padrasto nunca se envolveu nas discussões. Ela não engolia a minha orientação sexual. Dizia que isso não era vida, que não ía me levar a lugar nenhum, que não tinha futuro. Falava coisas horríveis. Eu sentia contrariedade de algumas atitudes por ela tomada. Só não aceitava. Era difícil. Mas depois que eu saí de casa e ela viu que já tava tarde pra mudar, agora ela me apoia. Continua me apoiando e começou até a cobrar que eu namore fixo. Arranje marido. Agora mudou a noia... rs. Agora ela quer que eu case, disse que ainda dá tempo pra eu ter filho, adotar. Ela fala que ainda quer ser avó. Quando terminei com o último namo ela ficou bem chateada, ralhou comigo. É engraçado. [Conversa via Messenger. Agosto de 2010].

A fala de Rinaldo demonstra um interessante giro nas pressões familiares de uma adequação aos marcos convencionais do percurso biográfico em relação ao namoro e casamento em termos heterossexuais, para um novo caráter de constrangimento social. Quando a mãe finalmente aceita a identidade sexual do filho, ela se volta então a solicitar que ele – agora aceito como “homossexual” – persiga ideais conjugais e parentais dentro mesmo de sua carreira homoerótica. Ela parece então já não se importar com o fato de o filho se considerar homossexual, contanto que ele procure por um “marido” e que lhe dê um neto, mesmo por adoção. Ou seja, os elementos da “temporalidade reprodutiva”, pensados inicialmente como exclusivos ou próprios da heterossexualidade, agora parecem incidentes interessantemente também sobre a carreira homoerótica de Rinaldo.¹⁵

É preciso também por em relevo as dinâmicas históricas e sociais que o próprio “futurismo reprodutivo” vem passando e é

¹⁵ Algo digno de nota é que, com exceção dos homens que eram ou já haviam sido casados, pouquíssimos foram os contatos que, por exemplo, se consideravam homossexuais desde jovens e que possuísem filhos, fossem biológicos ou adotados.

de se supor que continuará a passar nos próximos anos. Atentar para processos de dinâmica histórico-cultural se mostra relevante, sobretudo quando consideradas as conquistas angariadas nos últimos anos e em vários países, com o ativismo LGBT, em termos de possibilidades de “uniões civis entre pessoas do mesmo sexo”, “casamentos igualitários” e mesmo adoção de crianças por pessoas que se consideram homossexuais. Tais questões, e não seria caso para surpresa, certamente devem estar impingindo alterações consideráveis na própria noção de uma “temporalidade reprodutiva”.

Ademais, a ideia mesma de que o casamento e a reprodução são assumidos *a priori* como domínios heteronormativos – questão que muitas vezes parece subentendida e é raramente relativizada na literatura concernente às temporalidades *queer* – poderia vir a ser a médio prazo uma ideia progressivamente questionada. E esse questionamento poderia se dar quando consideradas, por exemplo, as concepções de alguns de meus contatos de campo mais jovens, como Bernardo, de 28 anos e Rafael, seu namorado, de 25. Ambos tomavam para si a ideia de que poderiam eventualmente se casar e diziam mesmo sonhar com o dia em que isso viria a ocorrer. Afirmavam também querer “montar juntos uma casa” e virem talvez a adotar filhos no futuro.

Embora tais anseios possam ser lidos como uma mera adesão e adequação às lógicas heteronormativas associadas ao casamento e à reprodução, seria igualmente plausível, como sugere o antropólogo estadunidense Tom Boellstorff (2007), interpretar tais aspirações nos marcos de uma possível subversão das bases normativas heterossexuais para as ideias mesmas de conjugalidade e parentalidade.¹⁶ Assim sendo, as profundas

¹⁶ Boellstorff (2007), aliás, faz uma interessante crítica a boa parte da produção recente sobre as temporalidades *queer*, afirmando que muitos desses autores estariam operando de maneira acrítica sob uma lógica de “tempo *straight*” (*straight time*). Ele afirma que um “tempo *straight*” – o qual define como uma leitura do tempo em linha reta e linear, além de evolutivo e mesmo apocalíptico – estaria embasando as reflexões de vários desses autores. Além disso, Boellstorff

transformações que práticas e identidades homossexuais vêm experimentando nas últimas décadas poderiam ser lidas como abrindo margem para que o pressuposto de que casamento e reprodução são arenas próprias de uma normatividade heterossexual possa ser gradualmente relativizado.

Por outro lado, um elemento crucial a ressaltar nesse momento, é que levo em consideração esse conjunto de debates acerca das pressões normativas sobre o percurso biográfico, “temporalidade reprodutiva” e “futuridade reprodutiva”, para propor um conceito que ao meu ver pode ser produtivo para compreender essas ordens de constrangimento social fundamentadas em uma heterossexualidade compulsória que foram recorrentemente apontadas nos relatos de meus interlocutores. Assim, proponho o que denomino como uma *teleologia heteronormativa*, a qual continua a incidir pervasivamente sobre as concepções culturais que fundamentam o percurso biográfico contemporâneo. Por *teleologia heteronormativa* denomino uma forma normativa de estipular metas, fins e objetivos últimos para o percurso biográfico (como relações sexuais, conjugalidade, reprodução, parentalidade e conformação familiar), os quais são guiados por referenciais heterossexuais inequívocos e aparentemente inescapáveis, e cuja finalidade e sequencialidade linear e irretornável se tornam – em

localiza o seu debate sobre “tempo queer” e a noção de “*straight time*” no âmbito acalorado do “casamento gay” nos Estados Unidos, e afirma que existiriam algumas similaridades entre os setores conservadores e progressistas naquele país, uma vez que ambos operariam sob uma mesma lógica do “*tempo straight*”. A diferença na ordem de operação desse “*tempo straight*”, entretanto, repousaria na afirmação de que enquanto os setores conservadores defenderiam uma realocização do passado no presente (como na defesa do retorno dos “bons tempos” de Ronald Reagan à presidência), os progressistas, por sua vez, pareceriam querer localizar um futuro presumido como “mais liberal” no tempo presente. Em ambas as posições, o passado, o presente e o futuro, com suas cargas simbólicas correlativas de “retrocesso”, “conservadorismo”, “progresso” e “maior liberdade” seriam baseadas em uma mesma lógica linear, sequencial e evolutiva, a qual ele denomina como um “tempo *straight*”.

um efeito social pervasivo e convincente – princípios fundamentais de explicação, significação e ordenação da experiência biográfica.

Direcionando a escrita para as considerações finais do artigo, foi possível constatar ao considerar esse conjunto de narrativas de campo (tendo em mente muitas outras que não puderam ser expostas e analisadas neste texto) que emerge a imposição de um *sensu de propósito* e de *finalidade* que fundamentaria e daria um sentido último ao percurso biográfico. E esse *sensu de propósito* – ou em outras palavras, essa *teleologia heteronormativa* – por sua vez, ganha sentido pela imposição de um modelo de futuridade que se guia pela realização de determinados alvos ou elementos tomados como obrigatórios e inescapáveis, os quais se realizariam em etapas vistas como primordiais para a realização da “plenitude” ou da “completude na vida”.¹⁷ O alcance dessa “plenitude”, portanto, se assemelha ao que Ahmed (2011) postula sobre a felicidade vista como um direcionamento para determinados objetos, entes ou realizações específicos, vistos, por sua vez, como essenciais e que se

¹⁷ Uma noção interessante e que tem semelhanças com o que proponho como uma *teleologia heteronormativa* é apresentada brevemente por Miskolci & Pelucio (2009) quando se referem e analisam o que chamam de “dispositivo da aids” e “SIDAdanização”. Eles afirmam que incidiria nesses processos uma “teleologia heterossexista”, afirmando que: “É neste registro que o dispositivo da aids opera e faz sentido, tendo a prevenção como estratégia de normalização materializada em uma espécie de imposição, em uma teleologia heterossexista que aponta para uma compreensão futura da vida como monogâmica, reprodutiva, familiar, em suma, privada e sob controle” (Miskolci & Pelucio, 2009:142). É preciso ponderar que minhas reflexões e proposições acerca de uma “teleologia heteronormativa” se deram anteriormente ao contato com o texto dos referidos autores e ocorreram especialmente a partir da recorrência de narrativas na pesquisa de campo, as quais foram interpretadas à luz dos debates teóricos das “temporalidades *queer*” nos Estados Unidos. Portanto, minha proposição de uma “teleologia heteronormativa”, embora contenha pontos consonantes com a contribuição desses autores, se volta mais para uma interpretação crítica das ideias que fundamentam o desenvolvimento supostamente “normal” do curso da vida, tendo em vista, em particular, facetas dos processos de envelhecimento e velhice conforme relatados pelos homens que integram minha investigação.

posicionariam em um horizonte futuro; realizações sem as quais a felicidade supostamente jamais poderia ser alcançada. Portanto, a *teleologia heteronormativa* que atravessa e fundamenta as concepções dominantes sobre o curso da vida visto como “normal” se assenta confortavelmente na ideia de que suas metas, fins e objetivos seriam, eles próprios, uma espécie de indubitável e inescapável “receita da felicidade”.

No que tange ao âmbito das gerações, as várias narrativas de campo costumavam posicionar as experiências de adequação às expectativas normativas heterossexuais no percurso biográfico como sendo um elemento mais expressivo entre as coortes mais velhas do que quando comparadas ao que seriam as experiências dos “jovens gays” de hoje em dia. Ou seja, na perspectiva de meus interlocutores, haveria significativas diferenças geracionais na incidência das *teleologias heteronormativas*.

Tais diferenças, é de se supor, poderiam indicar potencialmente um processo futuro de maior maleabilidade cultural nas maneiras como “futuros viáveis” e “felizes” são estipulados e impostos como referências ao longo da vida. Como afirmado anteriormente, tais formas normativas de regular e de dar sentido ao curso da vida estão também em processo de transformação, especialmente se consideradas as lutas transnacionais, por exemplo, em prol da ampliação dos direitos a conjugalidade e a parentalidade de pessoas que se consideram LGBT’s, entre outros sujeitos, as quais estão em curso no contemporâneo.

Referências bibliográficas

- ACHILLES, Nancy. The Development of the Homosexual Bar as an Institution. In: GAGNON, J; SIMON, W. Ed. *Sexual Deviance*. New York, Harper and Row, 1967, pp.228-244.
- AHMED, Sara. Happy Futures, Perhaps. In: MCCALLUM, E. L.; TUHKANON, M. *Queer Times, Queer Becomings*. State University of New York Press, Albany, 2011, pp.159-182

- BADINTER, Elisabeth. *O Conflito: a mulher e a mãe*. Rio de Janeiro, Record, 2011
- BOELLSTORFF, Tom. When marriage falls: queer coincidences in straight time. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*, vol. 13, nº 2-3, 2007, pp.227-248.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003 [1990].
- COHEN, Cathy J. Punks, Bulldaggers, and Welfare Queens: the radical potential of queer politics. *GLQ*. vol.3, 1997, pp.437-465.
- COSTA, Jurandir Freire. *A Inocência e o Vício – estudos sobre o Homoerotismo*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1992.
- DEAN, Tim. Bareback Times. In: MCCALLUM, E. L.; TUHKANON, M. *Queer Times, Queer Becomings*. State University of New York Press, Albany, 2011, pp.75-100.
- DEBERT, Guita Grin; BRIGEIRO, Mauro. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* vol.27, São Paulo, Anpocs, 2012, pp.37-54.
- DINSHAW, C. et alli. Theorizing Queer Temporalities: a roundtable discussion. *GLQ*, vol.1, nº13, 2007, pp.2-3.
- EDELMAN, Lee. *No Future: Queer Theory and the Death Drive*. Durham, DC, Duke University Press, 2004.
- FREEMAN, Elizabeth. *Time Binds: queer temporalities, queer histories*. Duke University Press, Durham and London, 2010.
- GAGNON, J; SIMON, W. *Sexual Conduct: the social source of human sexuality*. Chicago, Aldine1973.
- GOLTZ, Dustin. *Queer temporalities in gay male representation. Tragedy, normativity, and futurity*. Routledge, New York, 2010.
- HALBERSTAM, Judith/Jack. *In a Queer Time and Place: transgender bodies, subcultural lives*. New York, New York University Press, 2005.
- HENNING, Carlos Eduardo. *Paizões, Tiozões, Tias e Cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) –

- Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Unicamp, Campinas, 2014.
- HOOKE, Evelyn. The Homosexual Community. In: GAGNON, J; SIMON, W. (Ed.). *Sexual Deviance*. New York, Harper and Row, 1967 [1961], pp.176-194.
- MCINTOSH, Mary. The Homosexual Role. *Social Problems* vol.16, nº 2, (Autumn), 1968, pp.182-192.
- MISKOLCI, Richard; PELUCIO, Larissa. O dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*, Rio de Janeiro, CLAM, 2009, pp.125-157.
- MUÑOZ, José Esteban. *Cruising Utopia. The then and there of Queer Futurity*. New York, New York University Press, 2009.
- NEWTON, Esther. *Mother Camp: female impersonators in America*. Englewood Cliffs. N. J., Prentice-Hall, 1972.
- PLUMMER, Kenneth. *Sexual Stigma: an interactionist account*. New York, Routledge and Kegan Paul, 1975.
- PUAR, Jasbir K. Queer Times, Queer Assemblages. *Social Text*, nº 84-85, vol.23, nº 3-4. Durham, NC., Duke University Press, 2005, pp.121-139.
- RICH, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 5, Chicago, The University of Chicago Press, 1980, pp.631-660.
- RUBIN, Gayle. Geologies of Queer Studies: it´s dé já vu all over again. In: RUBIN, G. *Deviations: A Gayle Rubin Reader*. Durham, NC., Duke University Press, 2011 [2004], pp.347-356.
- SIMÕES, Julio Assis. Corpo e Sexualidade nas Experiências de Envelhecimento de Homens Gays em São Paulo. *Revista A Terceira Idade*, vol. 22, nº51, São Paulo, Editora do SESC, 2011, pp.7-19.